

AS MÃOS E A ARTE

"Na Arte, a mão nunca executa nada mais elevado do que aquilo que o coração imagina."

Ralph Waldo Emerson

A mão é um dos mais antigos símbolos de protecção que conhecemos, presente naquela que embala, que protege, que acaricia, ou na mão apaziguadora de Deus – *Manus Dei* – um dos mais fortes motivos da tradição artística judaico-cristã, que durante o início da Idade Média substituíra a representação personificada de Deus/Jeová num momento em que tal era considerado blasfemo. Ou a mão que desenha. Não é por acaso que o desenho – um vestígio deixado numa superfície – é uma das mais fundamentais formas de expressão e comunicação desde o princípio da Humanidade e não por acaso também é uma forma que vive da *manualidade*, qualquer mão, a minha ao escrever ou ao rabiscar algumas garatujas enquanto falo distraidamente ao telefone ou a do artista enquanto rapidamente agarra um tema ou conceito numa folha de papel.

Porque é que o valorizamos tanto? Talvez por ser feito de uma forma menos mediada do que, por exemplo, a pintura que entre os dedos e a tela ainda encontra o pincel e a tinta antes de chegar à tela. Porque é que damos tanta importância aos traços quer sejam eles de artistas de renome ou das crianças com quem convivemos diariamente? Provavelmente pela natureza do próprio meio, a marca indelével de quem os fez, física, pessoal, do *fazer* do autor. Por nos permitir uma distância menor do Eu ao Outro.

Na geografia das mãos, em particular na extremidade dos dedos, encontram-se algumas das mais densas áreas de terminações nervosas do corpo humano, é por isso que o sentido do tacto é tão intimamente a elas associado, pela sua facilidade e riqueza na exploração no meio físico são os órgãos que mais informação táctil nos transmitem, e, provavelmente, também esse facto contribua para o olhar mais demorado que oferecemos ao desenho. Uma dedicação que raramente dispensamos a outras formas de expressão plástica, porque, de alguma maneira o entendemos a um nível mais profundo, porque nos toca.

A expressão "*mão do artista*" significa hoje uma forma virtuosa de identificar o artista capacitado, capaz de corresponder a uma ideia de representação "fotográfica" do real a que, por hábito ou tradição, nos habituámos a identificar como "arte" e esse é um preconceito nosso como nos provou à exaustão Picasso, capaz de elevar o desenho da simplicidade infantil à complexidade multifacetada do real. Se as palavras importam, e para mim, importam tudo, a palavra fotografia – mais uma vez a *palavra* – significa "*desenhar com luz e contraste*", desenhar? Onde está então o vestígio do artista na fotografia que por si já é "*real*" e aparentemente neutra? Menos na representação do visível e mais no toque do olhar, o contacto visual, o que se escolhe seleccionar da realidade, o que se elege em detrimento do que se esquece. Uma fotografia com uma mão em grande plano, desenhada a luz, talvez seja uma tentativa de, através do olhar, tocar no Outro.

João Louro

Director Centro Cultural Casapiano



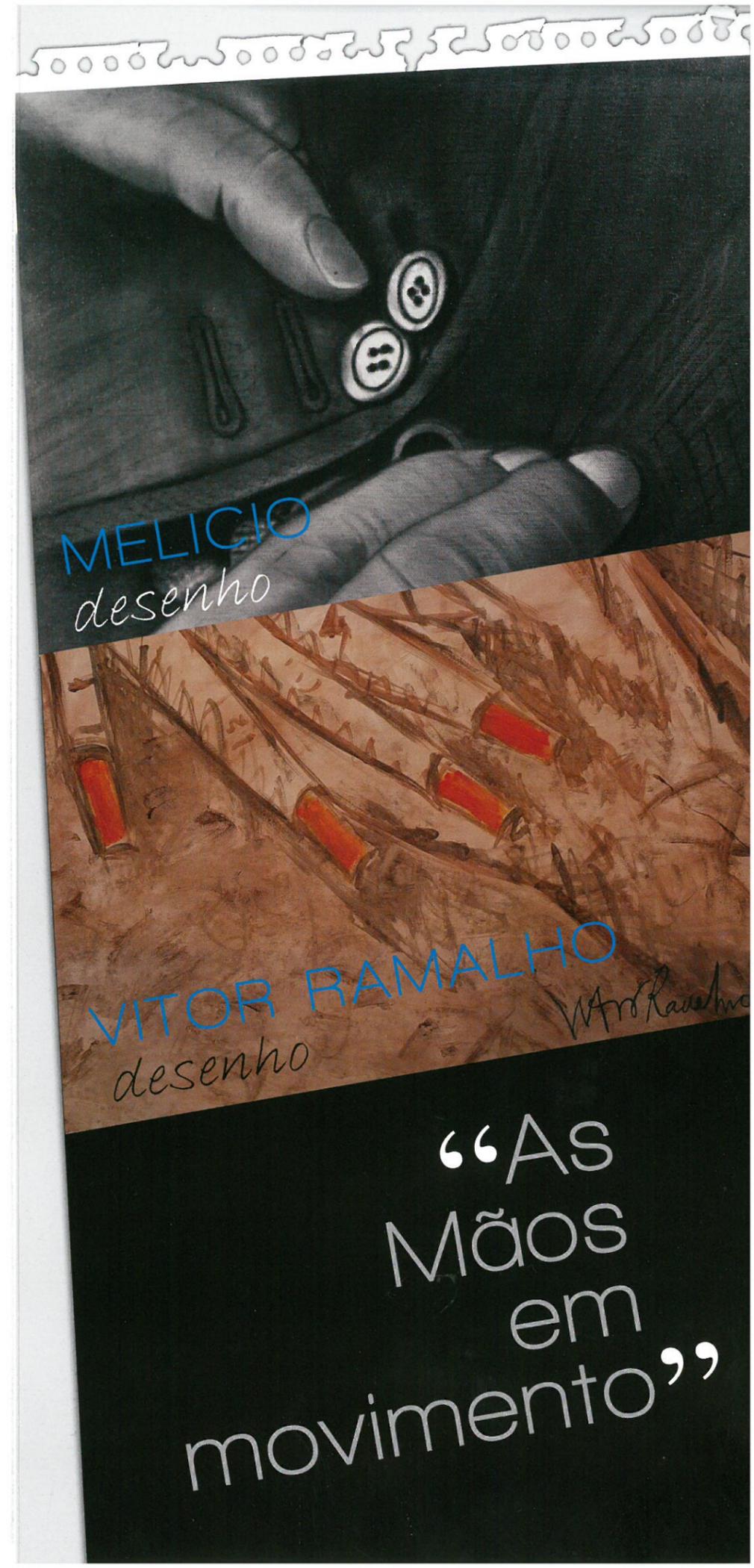
CasaPia
Lisboa

Museu do Centro Cultural Casapiano
Rua dos Jerónimos, 7-A
1400-210 Lisboa
centro.cultural@casapia.pt
213 614 090



Montepio

7 a 30 de maio
2015



MELICIO
desenho

VITOR RAMALHO
desenho

“As
Mãos
em
movimento”